

Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre

Mestrado, 2º Ciclo

Plano: Despacho nº 17071/2009 - 23/07/2009

Ficha da Unidade Curricular: Arte Neolítica Peninsular

ECTS: 3; Horas - Totais: 81.0, Contacto e Tipologia, T:7.0; TC:12.0; S:8.0;

Ano | Semestre: 1 | A

Tipo: Optativa; Interação: Presencial; Código: 649811

Área Científica: História e Arqueologia

Docente Responsável

Hipólito Collado Giraldo

Professor Adjunto Convidado

Docente(s)

Hipólito Collado Giraldo

Professor Adjunto Convidado

Objetivos de Aprendizagem

Pretende-se que o aluno adquira conhecimentos sobre as características técnicas da arte rupestre, os seus critérios de localização e as diferentes correntes interpretativas sobre o seu significado. O módulo completa-se com uma iniciação sobre as técnicas de documentação e estudo da arte rupestre.

Objetivos de Aprendizagem (detalhado)

A Unidade Curricular "Arte Neolítica Peninsular" procura implantar nos estudantes um conhecimento avançado das manifestações gráficas da arte rupestre feitas por sociedades com uma economia produtiva. Para atingir este objectivo, foi definida uma série de objectivos básicos, que foram enumerados na secção anterior e que são detalhados abaixo em cada caso:

1.- Características técnicas da arte rupestre: com este bloco temático procura introduzir o estudante às várias técnicas que foram utilizadas para realizar a arte rupestre analisando com especial intensidade os diferentes tipos de gravura e o seu método de execução e os diferentes tipos de pigmentos e os seus componentes fundamentais.

2.- Critérios de localização: Este é um bloco temático fundamental no qual se analisa a tipologia dos lugares onde a arte rupestre foi documentada e vários aspectos relacionados com as motivações (sociais, económicas, rituais ou estratégicas), que levaram à selecção ou descarte dos enclaves para representar conjuntos de arte rupestre figurativa.

3.- Análise das diferentes correntes interpretativas sobre o significado da arte peninsular neolítica. Este é um bloco eminentemente teórico no qual o estudante aprenderá sobre as diferentes linhas de interpretação aplicadas à arte rupestre e os investigadores ou equipas de investigação que foram os seus principais representantes.

Os três blocos temáticos anteriores são completados com um último bloco de conteúdo eminentemente prático cujo objectivo será introduzir o estudante às técnicas de documentação e estudo da arte rupestre:

Registo fotográfico de painéis com arte rupestre.

Tratamento digital de cores em imagens digitais de alta resolução.

Realização de traçados digitais a partir de imagens fotográficas

Obtenção de modelos 3D a partir de séries fotográficas: introdução à fotogrametria digital.

Conteúdos Programáticos

1.Precedentes da arte rupestre (AR) neolítica na Península Ibérica 2.A AR esquemática como paradigma das sociedades de economia produtora. 3.Distribuição da AR Esquemática 4.Técnicas, estilo e tipologias na AR esquemática peninsular 5.Cronología da AR esquemática na Península Ibérica 6.Teorias interpretativas 7.O final da AR esquemática. Introdução das manifestações rupestres da Idade do Ferro 8.M

Conteúdos Programáticos (detalhado)

Precedentes da arte rupestre neolítica (AR) na Península Ibérica:

Este primeiro tópico trata em detalhe dos conhecimentos actuais sobre os ciclos da arte rupestre que antecedem a arte rupestre neolítica na Península Ibérica. O objectivo é inculcar nos estudantes que não há "vazio" gráfico entre o fim das manifestações gráficas do Paleolítico Superior e a chegada da arte rupestre dos grupos de produtores peninsulares (conhecida como Arte Esquemática). Neste sentido, é abordada a problemática do ciclo da arte rupestre conhecida como "Pré-Squemática", correspondente aos grupos humanos com uma economia predatória na primeira metade do Holocénico.

2.A AR esquemática como paradigma das sociedades de economia produtiva.

Este tema analisa as evidências e os contextos que nos permitem relacionar a arte rupestre esquemática com grupos de produtores. Estudaremos a relação entre o contexto de ocupação e os lugares com a arte rupestre, os paralelos entre a arte megalítica e a arte esquemática e, finalmente, a relação entre os vários objectos decorados e a simbologia utilizada nas decorações e na arte esquemática rupestre.

3. Distribuição de AR esquemático

Este terceiro bloco visa dar ao estudante uma ideia global da distribuição da arte esquemática na península, com ênfase nas principais áreas de concentração deste tipo de manifestações gráficas, tanto em Espanha como em Portugal.

4. Técnicas, estilo e tipologias em esquemas peninsulares AR

Este é um dos blocos fundamentais da UC. Com este tema o aluno deve adquirir um conhecimento avançado das técnicas de representação da arte rupestre (gravura, pintura, grafite e baixo relevo), as características dos pigmentos utilizados na sua elaboração a partir dos estudos e análises efectuadas em amostras de arte rupestre, o estilo que caracteriza e define o esquema da arte rupestre analisando para ela factores tão diversos como a perspectiva utilizada de forma preferencial, o tamanho das figuras, a utilização dos suportes ou a implicação da geologia na arte rupestre. O assunto termina com uma revisão detalhada de todas as tipologias reconhecidas na arte esquemática peninsular: antropomorfos, zoomorfos e símbolos.

5. Cronologia do RA esquemático na Península Ibérica

Este tema oferece uma compilação dos dados cronológicos que a investigação disponibilizou a fim de estabelecer o quadro cronológico da Arte Esquemática.

Paralelos com objectos móveis

Paralelos com a arte megalítica

Datação directa (C14, Oxalates, TL)

6. Teorias interpretativas

O objectivo é oferecer aos estudantes uma abordagem às diferentes correntes interpretativas que são tradicionalmente aplicadas à arte esquemática peninsular:

Arte esquemática como marcador territorial

Arte esquemática como um elemento de comunicação social.

Arte esquemática ligada a espaços com um possível propósito ritual.

7. O fim do AR esquemático. Introdução às pinturas rupestres da Idade do Ferro.

Nesta lição o aluno deve saber que a arte rupestre esquemática desaparece com a chegada da Idade do Ferro, as possíveis causas que analisam o seu desaparecimento e uma revisão subtil das principais características da arte da Idade do Ferro.

8. Metodologia de campo aplicada à documentação da AR

Este tema tem um carácter prático e procura familiarizar o aluno na manipulação das técnicas de documentação e estudo da arte rupestre:

- .- O registo fotográfico de painéis com arte rupestre.
- .- Tratamento digital de cores em imagens digitais de alta resolução.
- .- Realização de traçados digitais a partir de imagem fotográfica
- .- Obtenção de modelos 3D a partir de séries fotográficas: introdução à fotogrametria digital.

Metodologias de avaliação

Presença nas aulas (20 %), Exame (35 %), Trabalho específico (45 %)

Software utilizado em aula

Power Point PPT
Adobe Photoshop
Photoscan (Argisoft)

Estágio

Não aplicável

Bibliografia recomendada

Coerência dos conteúdos programáticos com os objetivos

Os objectivos estabelecidos para a Unidade Curricular "Arte Neolítica Peninsular" foram estabelecidos a partir de critérios de máxima coerência com os conteúdos curriculares oferecidos no tema.

Neste sentido, cada um dos três grandes blocos temáticos indicados na UC, está ligado a um ou mais dos tópicos programados no conteúdo curricular da seguinte forma:

1.- Características técnicas da arte rupestre: com este bloco temático, o objectivo é introduzir o estudante às várias técnicas que foram utilizadas para fazer arte rupestre, analisando com especial intensidade os diferentes tipos de gravura e o seu método de execução e os diferentes tipos de pigmentos e os seus componentes fundamentais.

O bloco temático é desenvolvido através dos conteúdos abordados nas seguintes lições

Precedentes da arte rupestre neolítica (AR) na Península Ibérica: sobre os ciclos de arte rupestre que precedem a arte rupestre neolítica na Península Ibérica.

2.A AR esquemática como paradigma das sociedades de economia produtora: analisa as evidências e os contextos que nos permitem relacionar a arte rupestre esquemática com os grupos produtores.

Técnicas, estilo e tipologias no esquema AR peninsular: técnicas de representação da arte rupestre (gravura, pintura, grafite e baixo relevo), as características dos pigmentos utilizados na sua elaboração.

2.- Critérios de localização: Este é um bloco temático fundamental no qual se analisa a tipologia dos lugares onde a arte rupestre foi documentada e vários aspectos relacionados com as motivações (sociais, económicas, rituais ou estratégicas) que levaram à selecção ou descarte dos enclaves para representar os conjuntos figurativos de arte rupestre.

Este segundo bloco temático é desenvolvido através dos conteúdos abordados nas lições:

3. Distribuição da AR Esquemática: ideia global da distribuição da arte esquemática a nível peninsular.

5. Cronologia da AR esquemática na Península Ibérica: compilação dos dados cronológicos que a investigação disponibilizou a fim de estabelecer o quadro cronológico da Arte Esquemática.

Paralelos com objectos móveis

Paralelos com a arte megalítica

Datação directa (C14, Oxalates, TL)

7. O fim do AR esquemático. Introdução das manifestações rupestres da Idade do Ferro: principais características da arte de la Edad del Hierro.

3.- Análise das diferentes correntes interpretativas sobre o significado da arte neolítica peninsular. Este é um bloco eminentemente teórico no qual o estudante conhecerá as várias linhas de interpretação aplicadas à arte rupestre e os investigadores ou equipas de investigação que foram os seus principais representantes.

Para este último bloco temático, os conteúdos serão desenvolvidos por meio da seguinte lição:

6. Teorias interpretativas: abordagem das diferentes correntes interpretativas tradicionalmente aplicadas à arte esquemática peninsular:

Arte esquemática como marcador territorial

Arte esquemática como um elemento de comunicação social.

Arte esquemática ligada a espaços com um possível propósito ritual.

O último dos objectivos definidos no curso tem um carácter eminentemente prático e não teórico e visa introduzir os alunos nas técnicas de documentação e estudo da arte rupestre e na utilização das principais ferramentas utilizadas no trabalho de documentação da arte rupestre.

Metodologias de ensino

Será utilizada uma metodologia de ensino mista, combinando uma primeira parte de ensino com um carácter fundamentalmente teórico e uma segunda parte de um carácter fundamentalmente prático

Coerência das metodologias de ensino com os objetivos

A parte teórica da Arte Neolítica Peninsular da UC é fundamental para que os estudantes adquiram os conhecimentos indicados nos objectivos estabelecidos.

1.- Características técnicas da arte rupestre

2.- Critérios de localização:

3.- Análisis de las diferentes correntes interpretativas sobre o significado del arte neolítico peninsular.

É em todos os casos de conteúdos teóricos que será abordado através da explicação directa professor-aluno destes conteúdos e de um apoio bibliográfico específico que o aluno terá de obter e conhecer.

A bibliografia básica que será fornecida aos estudantes neste bloco de carácter teórico é a

siguiente:

- .- SANCHIDRIÁN, J.L. (2001): Manual de arte prehistórico. Ed. Ariel, Barcelona, 549 págs.

- .- ACOSTA, P. (1968): La pintura rupestre esquemática en España, Memorias del seminario de prehistoria y arqueología de la Universidad de Salamanca, nº 1, Salamanca, 250 págs, 60 figs y 22 mapas.

- .- MARTÍNEZ GARCÍA, J. (1998): "Abrigos y accidentes geográficos como categorías de análisis en el paisaje de la pintura rupestre esquemática. El sudeste como marco". Arqueología Espacial, 19-20. Arqueología del Paisaje, p. 543-561

- .- MARTÍNEZ GARCÍA, J. y HERNÁNDEZ PÉREZ, M. (eds.) (2006): Actas del Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de los Vélez, 5-7 de Mayo de 2004, Almería, 588 págs

- .- MARTINHO, A. y TOMÁS, A. (2013): Arte rupestre do Guadiana português na área de influencia do Alqueva. Memórias d'Odiana, nº 2, Segunda Serie. Estudos Arqueológicos do Alqueva, Beja, 339 págs.

- .- MATEO, M.A. (2002): "La llamada "fase pre-levantina" y la cronología del arte rupestre levantino. Una revisión crítica". Trabajos de Prehistoria, 59 n º1, p. 49-64
- .- (2003): Arte rupestre prehistórico en Albacete. La cuenca del río Zumeta. Estudios, nº 147. Instituto de Estudios Albacetenses "Don Juan Manuel". Diputación Provincial de Albacete, 236 págs.

- .- (2006): "Modelo de adscripción cronológica y cultural para la pintura rupestre postpaleolítica de la Península Ibérica". Actas del IV Congreso de Arqueología Peninsular. Promontoria Monográfica, nº 5, p. 181-192

- .- COLLADO, H. (1999a): "Si las paredes hablasen... Elucubraciones sobre el arte rupestre esquemático". Estudios Pre-Historicos, Vol. 7, p.213-219, 7 figs.

- .- (2000a): "Reflexión crítica y conclusiones sobre la interpretación y el encuadre cronológico de la pintura rupestre esquemática en la Extremadura española". Arkeos, nº 7, p.103-144, 15 figs.

- .- (2006): Arte rupestre del valle del Guadiana. El conjunto de grabados del Molino Manzárez (Alconchel - Cheles, Badajoz). Memorias de Odiana, nº 4. EDIA

- .- (2013): "Reflexiones sobre la fase inicial del arte rupestre esquemático en Extremadura a raíz de las recientes investigaciones". Actas del II Congreso Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de los Vélez 5-8 Mayo 2010, p.287-300

- .- COLLADO, H. and GARCÍA, J.J. (edits) (2015): Symbols in the landscape: Rock Art and its

context. Conference Proceedings XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015. Arkeos nº 37, Tomar. 2630 págs.

.- COLLADO, H. and GARCÍA, J.J. (edits.) (2015): Arte Rupestre en el Parque Nacional de Monfragüe (término municipal de Torrejón el Rubio). Corpus de Arte Rupestre en Extremadura, vol. III, Consejería de Educación y Cultura, Mérida, 207 págs.

.- COLLADO, H. and GARCÍA, J.J. (edits.) (2017): Arte Rupestre en la Cornisa de La Calderita (término municipal de La Zarza). Corpus de Arte Rupestre en Extremadura, vol. IV, Consejería de Cultura e Igualdad, Mérida, 384 págs.

.- COLLADO, H. and SIMOES DE ABREU, M. (2003): "Post-Palaeolithic Rock Art in the Iberian Peninsula (1995-1999)". Rock Art Studies. News of the World 2, p. 25-35

.- DOMÍNGUEZ, I.; COLLADO, H. y GARCÍA, J.J. (2013): "Un siglo de investigación para la pintura rupestre esquemática de la provincia de Badajoz. Evolución de la metodología y nuevas aportaciones". Actas del II Congreso Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de los Vélez 5-8 Mayo 2010, p. 279-286

.- MENÉNDEZ, M., MAS, M. y MINGO, A. (2009): El arte en la Prehistoria. UNED, 590 págs.

.- FAIREN, S. (2003): "Movilidad y territorialidad. El poblamiento neolítico en las comarcas centro-meridionales valencianas". Saguntum (PLAV), nº 35, p. 23-34

.- (2006): "Nuevas herramientas para el análisis de la distribución de la pintura rupestre esquemática: el ejemplo de las comarcas centro-meridionales valencianas". Actas del Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica, Comarca de los Vélez, 5-7 de Mayo 2004, p. 211-222

As estratégias com carácter prático são desenvolvidas no último bloco temático utilizando as ferramentas que o professor conhece e manuseia no seu trabalho profissional de documentação de arte rupestre. Neste sentido, haverá uma breve introdução e tratamento dos principais programas de processamento de imagem digital e um pequeno curso sobre as principais funções de uma câmara de reflexo digital e as funcionalidades e utilidades mais frequentemente utilizadas na documentação e trabalhos de investigação sobre manifestações de arte rupestre em geral.

Língua de ensino

Espanhol

Pré-requisitos

Não aplicável

Programas Opcionais recomendados

Não aplicável

Observações

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável:

- 4 - Garantir o acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos;
 - 5 - Alcançar a igualdade de género e empoderar todas as mulheres e raparigas;
 - 15 - Proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, travar e reverter a degradação dos solos e travar a perda de biodiversidade;
-

Docente responsável
